



# Biblioteca virtual em aids

## Organizada para consulta e leitura

### Relatório

### Avaliação dos conscritos do exército. Programa Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde. Brasil, 1997

*"Texto de autoria da Consultora Célia Landmann Szwarcwald"*

#### 1. Introdução

Este relatório se refere à investigação realizada com a população de conscritos do exército brasileiro pelo Programa Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde, em 1997. O objetivo principal foi o de estimar o grau de conhecimento sobre os meios de transmissão de HIV/Aids e a frequência de uso de preservativos entre os jovens brasileiros.

Para este estudo, foram selecionados aproximadamente 10.000 jovens de 18 anos, obedecendo a um plano amostral por estratificação proporcional, sendo o primeiro estrato constituído pelas regiões Sudeste e Sul enquanto o segundo, pelas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Em cada estrato, prosseguiu-se o processo amostral em dois estágios. No primeiro, foram escolhidas as Comissões de Seleção de cada Região Militar com probabilidade proporcional ao tamanho em relação à distribuição de conscritos no ano de 1995. A seguir, os participantes foram escolhidos de maneira aleatória, de forma a se obter frações amostrais semelhantes em cada comissão selecionada no primeiro estágio.

#### 2. Metodologia

Da amostra total de participantes na pesquisa, após a exclusão dos analfabetos e dos questionários com erros de preenchimento, 9844 conscritos puderam ser analisados.

A avaliação do nível de conhecimento baseou-se na análise de treze perguntas que se referiam à opinião do participante em relação à possibilidade de transmissão do HIV/ Aids. Para cada uma destas perguntas, o participante tinha três opções: "assim pega"; "assim não pega"; "não sei". Para cada uma das perguntas, foi apresentado o percentual de respostas "assim não pega", como também o percentual de respostas "assim pega".

Para expressar o nível de conhecimento geral, calculou-se um indicador denominado de "grau de conhecimento". Este foi estimado como uma nota variando de zero a dez, somando-se um ponto a cada resposta certa e dividindo-se o total de pontos por 11, o número de perguntas avaliadas, já que duas das perguntas "recebendo transfusão de sangue" e "fazendo sexo com alguém que tem Aids usando corretamente a camisinha" foram consideradas capciosas pelos autores deste trabalho.

Para a avaliação geográfica do nível de conhecimento, a análise foi feita segundo as Unidades da Federação, em todas aquelas cujo tamanho de amostra fosse suficientemente grande para o estudo estatístico (maior do que 30).

Sendo uma parte do questionário dirigida a conhecer onde os participantes obtêm informações sobre Aids, foi possível estabelecer relações entre o nível de conhecimento e os meios de acesso às informações de saúde, se televisão, escola, jornais, rádio, etc, quais aqueles tidos como confiáveis e ainda quais os escolhidos pelos participantes como melhor meio para receber as informações.

Em análise multivariada, buscou-se ainda correlacionar o grau de conhecimento ao nível de escolaridade, ao estrato regional e aos meios de acesso à informação.

Prossiguiu-se a análise, investigando-se a resposta à questão "você acha que qualquer jovem pode pegar Aids?", aqui denominada de "vulnerabilidade de se pegar Aids", e de duas outras que referiam-se a práticas de comportamento, correspondendo respectivamente ao "uso de preservativo na situação de relacionamento sexual com a namorada" e ao "recebimento de transfusão de sangue de familiares sem exame prévio".

Para aqueles que responderam que já tinham tido relações sexuais, foi feita uma avaliação específica sobre a frequência de uso de camisinha. Procurou-se encontrar as variáveis mais associadas "ao uso de preservativo em todas as vezes", por meio de análises bivariadas e multivariadas de regressão logística. Foram testados os efeitos do nível de escolaridade, do estrato regional, do grau de conhecimento, dos meios de acesso às informações, da frequência mensal de relações sexuais, do modo como o participante consegue o preservativo e se tinha a camisinha no bolso no momento da entrevista.

### **3. Resultados**

#### **3.1. Sobre o conhecimento da transmissão da Aids**

Os percentuais de respostas "assim não pega" e "assim pega" fornecidas às treze perguntas referentes aos meios de transmissão de Aids segundo as Unidades da Federação estão apresentados, respectivamente, nas tabelas 1 e 2. Verifica-se que a questão com mais acertos foi "apertar as mãos de alguém que tem Aids", seguida de "uso de drogas compartilhando seringa", "beijo no rosto" e "brincando com criança que tem Aids", com proporções de respostas corretas que ultrapassaram 90%.

Entretanto, perguntas como "sentando no vaso sanitário", "usando piscina pública" e "sendo picado por inseto" não tiveram o desempenho esperado. Para esta última, o percentual de respostas "assim não pega" foi de apenas 43,5%. Para "doando sangue para outras pessoas", a proporção de respostas "assim não pega" foi também baixa, embora seja preciso levar em consideração que não há qualquer referência sobre a seringa (se descartável ou não) no enunciado da questão. No que diz respeito à "transfusão de sangue", o percentual de respostas "assim pega" foi superior a 70%.

Diferenças importantes foram encontradas por Unidade da Federação. Estados como Pará, Maranhão, Bahia, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso mostram constantemente nível de conhecimento abaixo da média estimada para o Brasil. Em contraste, os estados da Região Sul são os que apresentam melhor nível.

Pelos dados dispostos na tabela 3, observa-se que as três fontes predominantemente assinaladas foram a escola, os jornais, e os cartazes/folhetos enquanto as menos citadas foram os amigos e a igreja. É interessante notar que entre aqueles com baixo nível de escolaridade, o rádio é um meio ainda muito utilizado, ao contrário do que acontece com os que têm maior grau de instrução. Chama-se a atenção, todavia, que, por um lapso, a televisão não constava como fonte de informação na pergunta correspondente do questionário, ou seja, para que este veículo fosse escolhido, o conscrito deveria marcar a categoria "outro" e citar especificamente "televisão". Este erro no questionário causou um viés nas estimativas, já que a televisão só foi assinalada por aqueles que deram pela falta deste veículo, geralmente os participantes com maior nível de escolaridade.

No tocante ao meio de informação mais confiável, os profissionais de saúde foram escolhidos por mais de 50% da amostra. Além disto, quanto maior a escolaridade, maior o percentual de escolha desta categoria. Os familiares foram selecionados em segundo lugar, seguidos da televisão, que aparece com mais frequência quanto pior o nível de instrução.

No que se refere ao meio que os participantes gostariam de receber mais informações, as palestras com profissionais de saúde tiveram igualmente papel destacado, constituindo-se na primeira opção para quase todos os níveis de escolaridade. A exceção ocorreu para aqueles com grau primário de instrução, para os quais a televisão foi o veículo mais escolhido.

A análise geográfica do grau médio de conhecimento está apresentada na Tabela 6. As médias mais baixas corresponderam ao Maranhão e ao Mato Grosso do Sul. Destaca-se o bom desempenho do Ceará, no Nordeste, e do Paraná e Rio Grande do Sul, no Sul. Vale notar também que o Rio de Janeiro é o estado da Região Sudeste com pior grau de conhecimento, abaixo da média nacional.

Em relação à vulnerabilidade dos jovens à Aids, os resultados mostram-se bem satisfatórios (Tabela 6). De maneira geral, mais de 90% responderam afirmativamente à pergunta "você acha que qualquer jovem pode pegar Aids?". Apenas para Pernambuco e Pará corresponderam percentuais inferiores a 85%. Já para as perguntas "você transaria com sua namorada sem camisinha?" e "você receberia transfusão de sangue, de seus pais ou irmãos, sem que o sangue tenha sido examinado?", não pode-se dizer o mesmo. Somente 54% não transariam sem camisinha e 51% não receberiam sangue de familiares sem exame prévio.

Quando analisadas quanto ao grau de instrução, os de maior escolaridade exibem, de maneira geral, melhor conhecimento sobre a transmissão da Aids, além de se perceberem mais vulneráveis à doença (Tabela 7). No entanto, o uso da camisinha tem comportamento inverso: a proporção de participantes que não teriam relações sem preservativo atinge o menor patamar entre os que completaram o segundo grau.

O mesmo conjunto de perguntas foi analisado em relação ao meio que recebe mais informações sobre Aids (Tabela 8). Se, por um lado, os cartazes/folhetos tiveram efeito de acréscimo sobre o grau de conhecimento, por outro, são os familiares e a escola que demonstram a maior influência positiva sobre o uso de camisinha. Percebe-se ainda que aqueles que apontaram "os profissionais de saúde" como o meio mais confiável foram os que atingiram o melhor grau de conhecimento (Tabela 9).

A análise estatística de regressão múltipla "stepwise" mostra os efeitos das várias variáveis analisadas sobre o grau de conhecimento (Tabela 10). O grau de escolaridade foi a variável mais fortemente correlacionada à resposta. A associação é positiva, ou seja, melhor o nível de instrução, mais alto o nível de conhecimento. O estrato composto pelas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste demonstrou efeito significativo de decréscimo no grau de conhecimento quando comparado ao estrato formado pelas demais regiões. Informações por cartazes, pela escola e pelas ONGs tiveram efeitos de acréscimo enquanto o correspondente ao rádio foi oposto.

### **3.2. Sobre a frequência de uso de preservativo**

Da amostra total, 85% responderam já ter tido relações sexuais. Chama a atenção o baixo percentual de "uso de preservativo em todas as vezes", variando de 37% a 42%, do menor ao maior nível de escolaridade respectivamente (Tabela 11). Entretanto, se é nítida a influência da escolaridade na prática sexual adequada, o mesmo não pode ser comentado a respeito do grau de conhecimento e da vulnerabilidade de pegar Aids, que parecem ter efeito apenas entre aqueles que "nunca usam camisinha" (Tabela 12). Além disto, o cruzamento da resposta "não transaria com a namorada sem camisinha" com "frequência de uso de camisinha" mostra que não há coincidência entre a suposição de uma situação e a prática de fato. Ao contrário, entre os que responderam que "não transariam com a namorada sem camisinha", apenas 54% afirmaram usar a camisinha em todas as vezes.

Pelos dados da Tabela 13, verifica-se que existe uma grande amplitude de variação regional no percentual de "uso de camisinha em todas as vezes", de 18% em Rondônia a 46% no Rio Grande do Sul. O estado de Alagoas também se sobressai por apresentar a maior proporção de participantes que "nunca usa camisinha", de 22%.

O fato de "achar ruim" o uso da camisinha mostrou-se como um fator relevante para o uso freqüente do preservativo. Para aqueles que "não acham ruim usar a camisinha", o percentual de "uso em todas as vezes" cresce para 50% (Tabela 14). Embora os resultados para a questão "quanto a transar com camisinha" tenham sido semelhantes (Tabela 15), algumas incoerências foram encontradas, tal como entre aqueles que responderam que "não usam a camisinha", 9% afirmaram que "usam a camisinha em todas as vezes".

Um outro fator que tem efeito significativo sobre o uso constante da camisinha é a frequência mensal das relações sexuais (Tabela 16). Verifica-se que quanto maior o número de relações por mês, menos freqüente é o uso do preservativo.

Os jovens que "conseguem o preservativo comprando a camisinha" comparados àqueles que "ganham a camisinha" demonstraram maior proporção de "uso da camisinha em todas as vezes". O mesmo foi evidenciado para os que "tinham uma camisinha no bolso" no momento da entrevista quando comparados aos que "não tinham a camisinha no bolso" (Tabela 18).

Os meios de acesso às informações sobre Aids que demonstraram efeitos positivos sobre o uso constante do preservativo foram os familiares e a escola (Tabela 19). Apesar de se constituírem na fonte de informações associada ao melhor grau de conhecimento, os cartazes/folhetos não mostraram a mesma influência sobre o uso de camisinha, para os quais o percentual de "uso em todas as vezes" situou-se abaixo do encontrado para a amostra total.

Os resultados da regressão logística "stepwise" confirmam os achados das análises bivariadas (Tabela 20). Têm efeitos significativos e negativos sobre o "uso de camisinha em todas as vezes" o fato de "achar ruim", a maior frequência mensal de relações sexuais, pertencer ao estrato Norte/Nordeste/Centro-Oeste e receber as informações por meio de cartazes/folhetos. O fato de "ter uma camisinha no momento da entrevista" e o de "conseguir a camisinha comprando" foram as únicas variáveis associadas positivamente com a resposta, sendo os efeitos tanto de escolaridade como do grau de conhecimento sobre a Aids não significativos ao nível de 1%.

É interessante notar, porém, que o fato de "achar ruim", fator preditor mais importante do "uso da camisinha em todas as vezes" é associado ao nível de escolaridade (Tabela 21). O percentual de participantes que "acham ruim" variou de 54% a 39%, respectivamente do pior ao melhor grau de instrução.

#### 4. Comentários Finais

Tendo em vista que o nível de conhecimento sobre os meios de transmissão da Aids foi amplamente abordado em pesquisa anterior, os comentários do presente relatório serão dirigidos principalmente a focar questões relativas ao uso de preservativo.

Em primeiro lugar, enfatiza-se o uso pouco freqüente da camisinha por parte dos jovens brasileiros. O percentual médio de uso constante de preservativo foi de apenas 37% e atingiu o valor máximo de 50% entre aqueles que não acham ruim usar a camisinha. Outro fator que deve ser levado em consideração é que a medida que há um aumento na freqüência de relações sexuais, há uma diminuição no uso de preservativo.

Paralelamente, mostrou-se que o nível de conhecimento sobre a transmissão da doença é dissociado do uso sistemático da camisinha. Além disto, foi evidenciado que as maiores influências positivas são provenientes da escola e dos familiares e não mais dos cartazes e folhetos. É o caso de se verificar, portanto, se as campanhas educativas promovidas pelo Programa, pelas ONGs e por outros profissionais de saúde não estão se distanciando demasiadamente do cotidiano dos jovens. Ao que parece, eles adquirem o conhecimento sobre a doença com profissionais da saúde, têm mais confiança nas palestras promovidas por estes, mas a prática sexual adequada é mais influenciada pelos familiares e pela escola.

Um outro conceito que não fica claro a partir da análise dos dados da presente investigação, é até que ponto o jovem percebe a sua vulnerabilidade de contrair a doença. Se, por um lado, 90% dos conscritos acham que qualquer jovem pode pegar a Aids, apenas 50% responderam que não transariam sem camisinha e somente 37% afirmaram usar o preservativo em todas as relações sexuais.

Como demonstrado, é possível que os jovens tenham um razoável nível de conhecimento como "não se pega Aids", porém, não sabem avaliar os riscos reais de adquirir a doença. Faz-se necessário explicitar, de forma clara e abrangente, as situações de risco que os jovens são expostos no seu cotidiano assim como divulgar a importância de usar o preservativo em todas as relações sexuais ao lado das possibilidades de transmissão do HIV/ Aids.

Outro fato que merece análise particular é a associação encontrada entre "achar ruim o uso da camisinha" e o nível de escolaridade. Pode-se investigar se o fato de "achar que a camisinha incomoda" é um mito que precisa ser dissipado rapidamente, sobretudo entre os de mais baixa escolaridade, ou se a associação encontrada tem explicações na qualidade da camisinha, supostamente melhor entre aqueles com maior poder aquisitivo (ou pelos participantes com melhor nível de instrução).

Sendo o fato de "achar ruim" o fator preditor mais importante do uso de preservativo em todas as relações sexuais, seria interessante ter também um perfil semelhante para as mulheres jovens brasileiras, saber o que elas pensam sobre o uso de preservativo e se o reivindicam na prática sexual. Além disto, seria conveniente questionar em pesquisas posteriores sobre outras possibilidades relacionadas ao fato de não usar camisinha, como o fato de não ter dinheiro para comprá-la, ou porque só tem relações com a namorada.

A análise dos dados deixou mais uma vez evidente a heterogeneidade das regiões brasileiras. Não só o grau de conhecimento é diferenciado por região, maior no estrato Sul/Sudeste, como também o uso sistemático de preservativo. Aos estados do Sul corresponderam proporções bem mais elevadas do "uso de preservativo em todas as vezes".

Tendo em vista os achados deste estudo e considerando-se os aumentos no número de casos de Aids por transmissão heterossexual e no número de casos com baixo grau de instrução, é preciso redirecionar as

campanhas educativas, de forma a estabelecer o uso do preservativo como uma prática rotineira do jovem brasileiro. As situações de risco do cotidiano do jovem devem ser explicitadas e compreensíveis por todos, desde o menor ao maior nível de escolaridade.

**Tabela 1: Percentual (%) de respostas "assim não pega" segundo o meio de transmissão questionado e a Unidade da Federação**

UF	Meio de Transmissão						
	Apertando as mãos	Brincando com criança	Consultório de dentista	Beijo no rosto	Vaso sanitário	Piscina pública	Picada de inseto
RO	93,8	92,3	49,2	95,4	67,2	70,8	31,3
AM	91,0	89,9	60,1	92,9	69,5	74,2	43,7
PA	86,7	81,8	47,3	83,7	51,8	60,7	31,1
MA	87,9	75,8	60,6	75,8	48,5	66,7	30,3
PI	93,0	88,2	55,7	86,6	64,2	61,1	44,1
CE	97,8	93,5	68,1	96,8	75,1	80,0	49,7
PE	95,4	90,3	56,5	88,2	51,2	62,3	41,2
AL	91,3	86,2	54,4	85,7	56,1	60,6	37,8
BA	89,1	84,9	49,2	87,5	59,8	68,5	39,4
MG	94,5	93,1	66,0	93,4	62,3	68,9	43,0
ES	95,6	91,3	69,1	92,8	61,8	68,1	36,8
RJ	92,5	90,2	60,1	91,5	57,7	69,1	47,0
SP	93,5	91,9	66,3	92,1	64,4	69,9	49,6
PR	96,1	94,4	75,0	94,1	67,5	72,7	42,0
SC	97,5	90,6	64,6	90,6	66,9	67,1	44,6
RS	95,9	95,1	75,2	94,0	68,0	72,3	45,1
MS	81,1	75,5	50,9	90,6	52,8	52,8	39,6
MT	88,7	88,1	57,7	87,6	61,8	68,0	44,6
GO	90,6	86,7	61,7	92,2	68,0	68,8	28,3
DF	95,4	91,0	59,0	91,0	58,9	66,4	31,4
<b>Total</b>	<b>93,3</b>	<b>90,6</b>	<b>62,9</b>	<b>91,1</b>	<b>62,1</b>	<b>68,7</b>	<b>43,5</b>

(Cont.)

**Tabela 1: Percentual (%) de respostas "assim não pega" segundo o meio de transmissão questionado e a Unidade da Federação**



RO	0,0	1,5	35,4	1,5	17,2	13,8	45,3
AM	2,5	3,6	25,5	3,6	17,6	11,8	40,5
PA	2,2	3,9	28,5	6,3	23,7	12,9	39,7
MA	9,1	15,2	24,2	15,2	18,2	9,1	39,4
PI	1,6	4,3	25,4	3,2	11,2	14,1	29,6
CE	0,5	1,6	18,4	0,5	7,6	5,9	23,8
PE	0,8	2,7	25,0	2,9	17,8	9,5	23,7
AL	3,2	3,7	23,7	6,1	18,9	12,2	30,6
BA	4,3	5,8	31,5	6,7	19,4	12,4	31,3
MG	0,6	1,6	16,9	1,8	13,3	10,8	25,0
ES	2,9	2,9	20,6	4,3	10,3	10,1	30,9
RJ	1,8	2,3	20,5	3,0	16,5	9,3	20,7
SP	2,0	2,3	13,6	2,6	12,3	7,8	19,5
PR	1,4	2,0	10,0	2,1	8,7	7,4	21,8
SC	0,0	0,6	14,6	3,8	8,9	12,0	23,6
RS	1,2	1,3	7,0	2,3	9,3	6,7	20,3
MS	3,8	3,8	22,6	0,0	15,1	11,3	39,6
MT	1,0	4,1	21,6	5,8	14,3	11,3	26,6
GO	3,1	4,7	22,7	3,1	16,4	10,2	42,5
DF	1,0	2,4	21,9	4,5	17,5	12,8	34,5
<b>Total</b>	<b>1,8</b>	<b>2,7</b>	<b>18,2</b>	<b>3,4</b>	<b>14,2</b>	<b>9,5</b>	<b>25,2</b>

(Cont.)

**Tabela 2: Percentual (%) de respostas "assim pega" segundo o meio de transmissão questionado e a Unidade da Federação**

UF	Meio de Transmissão					
	Beijo na boca	Drogas sem dividir	Drogas compartilhando	Transfusão	Usando corretamente camisinha	Doando sangue

RO	34,4	13,8	92,3	73,8	20,0	32,8
AM	38,2	20,4	93,2	74,6	30,1	40,9
PA	38,8	24,9	88,1	67,6	29,8	41,4
MA	51,5	27,3	90,9	66,7	30,3	24,2
PI	40,9	26,3	89,7	70,1	25,3	47,0
CE	22,6	14,1	96,3	74,2	24,3	32,4
PE	35,0	24,5	93,8	74,2	29,0	38,2
AL	34,5	24,1	88,9	61,3	28,8	36,0
BA	28,7	27,6	89,8	71,2	29,6	44,9
MG	26,5	14,4	93,2	68,7	25,5	33,5
ES	25,0	8,8	91,3	61,8	31,9	33,8
RJ	28,6	18,0	91,7	75,7	29,4	42,4
SP	27,2	17,1	92,2	66,4	24,1	31,7
PR	24,0	14,8	95,9	72,0	23,6	32,6
SC	22,8	17,2	90,4	56,7	25,2	20,9
RS	23,2	11,7	95,4	70,5	19,1	26,9
MS	43,4	17,0	86,8	58,5	35,8	35,8
MT	38,8	18,6	92,8	73,5	30,1	36,3
GO	34,4	11,8	93,7	77,2	27,6	26,8
DF	32,6	17,6	93,3	75,1	28,6	36,9
<b>Total</b>	<b>29,3</b>	<b>18,1</b>	<b>92,5</b>	<b>70,3</b>	<b>26,1</b>	<b>35,2</b>

**Tabela 3: Percentual (%) de conscritos segundo o meio que recebe mais informações sobre Aids e o nível de escolaridade**

Onde recebe mais informações sobre Aids?	Total	Nível de Escolaridade			
		1ª-4ª	5ª-8ª	2º grau incompl.	2º grau compl.

Rádio	12,4	20,5	12,2	10,7	11,9
Jornais	33,5	40,3	33,6	30,4	37,2
Igreja	2,9	3,8	2,6	3,1	3,0
Familiares	19,4	17,8	19,2	19,3	21,3
Na escola	36,8	25,5	36,0	42,5	31,6
Amigos ou colegas	10,3	8,2	9,5	11,6	11,1
Cartazes e folhetos	22,1	11,9	18,3	26,7	28,8
ONGs	12,2	10,2	11,4	13,0	14,3
Televisão*	4,0	0,9	2,0	4,5	10,9

\* especificada na categoria "outros"

**Tabela 4: Percentual (%) de conscritos segundo o meio de informações que acha mais confiável e o nível de escolaridade**

Meio mais confiável	Total	Nível de Escolaridade			
		1ª-4ª	5ª-8ª	2º grau incompl.	2º grau compl.
Rádio	1,7	5,8	1,7	1,1	1,4
Jornais	4,2	9,0	3,9	3,2	4,9
Igreja	1,7	3,8	1,8	1,2	1,0
Familiares	15,0	16,7	17,7	13,4	10,1
Na escola	5,3	5,0	4,9	6,0	5,3
Local de trabalho	0,4	1,5	0,5	0,2	0,1
Televisão	11,4	15,8	12,9	9,9	8,5
Profissionais de saúde	54,3	37,9	50,4	59,4	62,5
Amigos ou colegas	0,6	1,4	0,6	0,6	0,4
Cartazes e folhetos	1,2	0,8	1,1	1,3	1,2
ONGs	3,6	1,9	4,0	3,3	3,7
Outros	0,5	0,4	0,5	0,5	0,7

**Tabela 5: Percentual (%) de conscritos quanto ao meio que gostaria de receber mais informações e o nível de escolaridade**

Como gostaria de receber mais informações sobre Aids?	Total	Nível de Escolaridade			
		1ª-4ª	5ª-8ª	2º grau incompl.	2º grau compl.

		1ª-4ª	5ª-8ª	2º grau incomp.	2º grau compl.
Rádio	2,4	6,0	2,1	2,0	2,2
Televisão	24,3	35,7	25,0	20,5	25,8
Palestras com prof.de saúde	42,9	33,7	43,3	44,8	42,0
Palestras com professores	10,9	7,8	10,6	14,2	5,4
Revistas distribuídas	8,0	3,3	6,2	9,1	13,7
Jornais	1,9	3,7	1,7	1,5	2,8
Folhetos e cartazes	2,1	1,5	1,8	2,0	3,6
Amigos treinados	7,4	8,2	9,4	6,0	4,6

**Tabela 6: Grau médio de conhecimento, percentual (%) de vulnerabilidade e de práticas de comportamento segundo as Unidades da Federação**

UF	Nº	Grau de Conhecimento	Qq jovem pode pegar Aids	Não transaria sem camisinha	Não receberia sangue sem examinar
RO	65	7,1	89,2	52,3	60,0
AM	280	7,1	90,0	48,6	54,3
PA	414	6,2	83,1	51,0	47,5
MA	33	6,1	87,1	53,1	48,5
PI	187	6,6	89,2	63,1	54,0
CE	187	7,8	93,4	57,6	53,6
PE	518	6,7	80,0	44,6	50,7
AL	379	6,5	85,0	49,5	45,9
BA	544	6,5	88,0	56,4	54,9
MG	623	7,2	92,2	60,6	54,5
ES	69	7,2	89,7	49,3	44,1
RJ	1292	6,9	89,9	56,1	52,7
SP	2278	7,2	92,3	51,8	46,1
PR	711	7,5	92,8	50,6	52,1
SC	159	7,2	89,0	62,3	49,7
RS	1016	7,5	93,6	57,6	54,3
MS	54	6,1	88,7	66,0	56,6
MT	293	6,8	91,0	54,0	50,7

GO	128	7,0	93,7	53,5	51,6
DF	584	6,8	89,3	58,1	54,8
<b>Total</b>	<b>9844</b>	<b>7,0</b>	<b>90,8</b>	<b>54,1</b>	<b>51,0</b>

**Tabela 7: Grau médio de conhecimento, percentual (%) de vulnerabilidade e de práticas de comportamento segundo o nível de escolaridade**

Nível de escolaridade	Nº	Grau de Conhecimento	Qq jovem pode pegar Aids	Não transaria sem camisinha	Não receberia sangue sem examinar
1ª a 4ª série	764	5,0	79,9	58,6	45,6
5ª a 8ª série	4160	6,4	88,7	56,2	50,3
2º grau incomp.	3442	7,7	93,8	52,1	51,1
2º grau completo	1354	8,6	96,4	50,6	56,4
<b>Total</b>	<b>9720</b>	<b>7,0</b>	<b>90,9</b>	<b>54,1</b>	<b>51,1</b>

**Tabela 8: Grau médio de conhecimento, percentual (%) de vulnerabilidade e de práticas de comportamento segundo o meio que recebe mais informações sobre Aids**

Onde recebe mais informações sobre Aids?	Grau de Conhecimento	Qq jovem pode pegar Aids	Não transaria sem camisinha	Não receberia sangue sem examinar
Rádio	6,7	88,8	53,2	51,0
Jornais	6,9	90,0	54,4	49,5
Igreja	6,8	82,7	50,9	52,3
Familiares	7,1	90,3	55,8	50,6
Na escola	7,2	92,2	56,2	52,9
Amigos ou colegas	7,3	91,0	49,2	52,5
Cartazes e folhetos	7,5	93,2	50,7	53,9
ONGs	7,4	91,5	53,5	54,6
Televisão*	8,1	96,9	42,5	52,8

\* especificada na categoria "outros"

**Tabela 9: Grau médio de conhecimento, percentual (%) de vulnerabilidade e de práticas de comportamento segundo o meio de informações que acha mais confiável**

Meio mais confiável	Grau de Conhecimento	Qq jovem pode pegar Aids	Não transaria sem camisinha	Não receberia sangue sem examinar
---------------------	----------------------	--------------------------	-----------------------------	-----------------------------------

Rádio	5,7	70,9	53,7	40,9
Jornais	6,4	84,6	53,0	52,6
Igreja	5,8	75,9	53,4	44,7
Familiares	6,7	90,2	54,0	46,6
Na escola	7,1	89,3	55,4	57,8
Local de trabalho	5,5	72,5	46,3	38,1
Televisão	6,6	88,5	54,4	44,9
Profissionais de saúde	7,4	93,2	54,7	53,7
Amigos ou colegas	7,0	83,6	38,7	47,5
Cartazes e folhetos	7,2	91,0	48,2	46,0
ONGs	7,3	93,9	52,5	49,9
Outros	6,9	88,0	42,0	52,1

**Tabela 10: Resultados da regressão múltipla tendo como variável resposta o grau de conhecimento**

Variáveis incluídas	Coeficientes	Significância
Constante	4,12	0,000
Escolaridade	1,14	0,000
Estrato N/NE/CO	-0,33	0,000
Informações por cartazes	0,33	0,000
Informações pelo rádio	-0,35	0,000
Informações pela escola	0,22	0,000
Informações por ONGs	0,28	0,000
<b>Coef. de correlação múltipla</b>	<b>0,45</b>	<b>0,000</b>

**Tabela 11: Percentual (%) de frequência de uso de camisinha segundo o nível de escolaridade**

Frequência de uso	Total	Nível de Escolaridade			
		1ª-4ª	5ª-8ª	2º grau incompl.	2º grau compl.

em todas as vezes	37,6	37,0	36,0	38,0	42,0
em mais da metade	32,1	26,6	30,2	33,4	37,7
em menos da metade	19,9	19,2	20,6	20,8	15,4
nunca	10,5	17,3	13,2	7,9	4,8

**Tabela 12: Grau médio de conhecimento segundo a frequência de uso de camisinha e percentual (%) de frequência de uso de camisinha entre os que "acham que qualquer jovem pode pegar Aids" e entre os que "não transariam com a namorada sem camisinha"**

Frequência de uso	Grau de médio conhecimento	Acha que qualquer jovem pode pegar Aids	Não transaria sem camisinha
em todas as vezes	7,1	37,6	53,6
em mais da metade	7,3	32,4	28,9
em menos da metade	7,0	20,0	11,7
nunca	6,4	10,0	5,8

**Tabela 13: Percentual(%) de frequência de uso da camisinha segundo as Unidades da Federação**

UF	Em todas as vezes	Em mais da metade	Em menos da metade	Nunca
RO	18,3	38,3	26,7	16,7
AM	23,5	29,9	30,2	16,4
PA	30,6	25,8	26,4	17,2
MA	33,3	30,0	23,3	13,3
PI	43,3	26,7	16,0	14,0
CE	34,2	34,9	21,1	9,9
PE	32,1	30,0	28,2	9,7
AL	25,4	27,9	24,5	22,3
BA	32,2	31,5	23,9	12,3
MG	45,5	30,9	17,8	5,8
ES	28,6	28,6	26,5	16,3
RJ	32,4	31,7	20,6	15,3
SP	43,5	32,4	16,3	7,8
PR	38,8	33,3	18,7	9,2
SC	44,2	30,0	15,8	10,0
RS	46,5	35,4	13,2	4,9

MS	33,3	29,2	25,0	12,5
MT	33,9	32,6	20,5	13,0
GO	33,1	41,5	18,6	6,8
DF	37,9	33,7	20,3	8,1
<b>Total</b>	<b>37,6</b>	<b>31,9</b>	<b>19,9</b>	<b>10,6</b>

**Tabela 14: Percentual (%) de frequência de uso da camisinha segundo o que acha do uso da camisinha**

Acha ruim usar camisinha?	Em todas as vezes	Em mais da metade	Em menos da metade	Nunca
Sim	25,7	34,1	26,3	13,9
Não	49,7	30,5	13,5	6,3
<b>Total</b>	<b>37,8</b>	<b>32,3</b>	<b>19,9</b>	<b>10,1</b>

**Tabela 15: Percentual(%) de frequência de uso da camisinha quanto ao que acha de transar com camisinha**

Qto a transar com camisinha	Em todas as vezes	Em mais da metade	Em menos da metade	Nunca
Prefiro sem, mas uso	32,1	37,3	24,0	6,6
Não me incomoda	53,7	28,1	12,8	5,4
Não uso	8,9	6,9	17,6	66,5
<b>Total</b>	<b>37,6</b>	<b>32,1</b>	<b>19,8</b>	<b>10,4</b>

**Tabela 16: Percentual (%) de frequência de uso da camisinha quanto à frequência que transa por mês**

Frequência que transa por mês	Em todas as vezes	Em mais da metade	Em menos da metade	Nunca
Não é todo mês	46,3	27,8	15,2	10,7
1 vez	48,8	25,1	13,9	12,2
2 a 4 vezes	33,9	35,8	21,5	8,8
5 a 8 vezes	23,3	41,3	25,7	9,8
mais de 8 vezes	19,2	36,2	32,9	11,6
<b>Total</b>	<b>37,7</b>	<b>32,1</b>	<b>19,8</b>	<b>10,3</b>

**Tabela 17: Percentual (%) de frequência de uso da camisinha quanto ao modo como consegue a camisinha**

Como consegue a camisinha?	Em todas as vezes	Em mais da metade	Em menos da metade	Nunca
Compra	39,3	33,9	19,5	7,3
Ganha	28,8	34,4	24,1	12,7
Pega no Centro de Saúde	37,7	30,3	21,1	11,0
Pega em outro local	33,5	32,7	23,5	10,4

**Tabela 18: Percentual (%) de frequência de uso da camisinha quanto a ter uma camisinha no bolso**

Tem uma camisinha no bolso?	Em todas as vezes	Em mais da metade	Em menos da metade	Nunca
Sim	40,3	34,7	18,0	7,0
Não	35,5	30,0	21,3	13,2
<b>Total</b>	<b>37,6</b>	<b>32,0</b>	<b>19,9</b>	<b>10,5</b>

**Tabela 19: Percentual (%) de frequência de uso da camisinha segundo o meio que recebe mais informações sobre Aids**

Meio de informações				
Nunca				
Rádio	38,9	30,5	19,2	11,4
Jornais	37,0	31,7	20,0	11,3
Igreja	37,1	34,8	15,7	12,4
Familiares	40,8	34,4	17,7	7,0
Na escola	39,7	32,2	18,3	9,8
Amigos Cartazes	34,5	34,5	21,1	19,9
ONGs	35,4	34,0	20,9	9,7
Televisão*	35,9	34,2	20,5	9,4
	32,2	34,0	23,1	10,7

\* especificada na categoria "outros"

**Tabela 20: Resultados da regressão logística "stepwise" tendo como variável resposta o "uso de camisinha em todas as vezes"**

Variáveis incluídas	Coefficiente	Significância

"acha ruim"	-0,98	0,0000
"frequência que transa"	-0,30	0,0000
"estrato N/NE/CO"	-0,33	0,0000
"tem camisinha no bolso"	0,23	0,0000
"consegue camisinha comprando"	0,28	0,0000
"recebe informações por cartazes"	-0,19	0,0014
constante	-1,00	0,0000

**Tabela 21: Percentual(%) de respostas à pergunta "acha ruim usar camisinha?" segundo o nível de escolaridade**

Acha ruim usar a camisinha?	Total	Nível de Escolaridade			
		1ª-4ª	5ª-8ª	2º grau incomp.	2º grau compl.
Sim	49,7	53,6	53,3	48,6	39,2
Não	50,3	46,4	46,7	51,4	60,8